

N 2/2/88

# Grandes carências na indústria madeireira

♦ Com algumas soluções à vista, falta é coordenação

O pequeno empresariado industrial vocacionado à exploração e transformação da madeira na província do Niassa, enfrenta grandes carências e dificuldades no desempenho da sua actividade, dentro da actual conjuntura sócio política e económica que o País atravessa. Falando a Reportagem do «Notícias» sobre esta problemática, Ibrahim Mussagy, sócio-gerente da Carpintaria e Marcenaria Niassa disse que constitui preocupação da maioria dos pequenos industriais daquela zona, as dificuldades de acesso às florestas para a busca de matérias-primas devido as acções dos bandidos armados, a falta de energia eléctrica e combustível, a inexistência no mercado local de materiais subsidiários, e a insuficiência de meios de transporte.

Aquele industrial madeireiro, que há sensivelmente 20 anos abraçou esta carreira, disse que as dificuldades tendem a agravar-se numa altura em que de um modo particular a província do Niassa debate-se com o Estado de Emergência na sua fase avançada, e em alguns casos, pela indiferença evidenciada por certos serviços e instituições que directa ou indirectamente participam no desenvolvimento desta actividade.

Ele afirmou que o Governo Provincial do Niassa tem feito tudo ao seu alcance para a resolução de questões pontuais de abastecimento de combustível, escolta às colunas de transporte de matérias-primas entre outras.

É certo que em todo o País e no caso singular de Niassa regista-se um problema sério da falta de quadros para controlarem o ramo madeireiro. Mas o que actualmente acontece é que muitas das nossas preocupações são mal vistas e mal interpretadas. Eu comecei a trabalhar com muita energia mas neste momento encontro-me baralhado, pois, torna-se difícil furar a muralha que separa o pequeno empresariado e algumas direcções — disse.

Ibrahim Mussagy sublinhou que muitas vezes não há defenição de prioridades na atribuição de combustível, no transporte de materiais subsidiários de outros pontos do País para o Niassa.

Por exemplo, no que toca à distribuição de combustível, que é controlado pelas estruturas ligadas ao Governo, daí que a serração daquele industrial ficou três meses sem nada receber.

É uma realidade, o facto de se registar uma carência aguda de combustível, por razões de falta de transporte para que este chegue ao Niassa. O que aparece é diminuto, mas dentro das disponibilidades deveria ser distribuído aos sectores prioritários e em quantidades razoáveis. No meu caso, chego a receber de 30 a 40 litros de gasóleo para o meu camião, o que só dá para fazer uma viagem de ida e volta na floresta mais próxima — afirmou.

## DESCOORDENAÇÃO ELEVA CUSTOS DE PRODUÇÃO

Devido à inexistência no mercado em Niassa de materiais subsidiários, nomeadamente colas, fechaduras, dobradiças, pregos, napas, vernizes e ferramentas diversas, os pequenos industriais madeireiros recorrem, frequentemente à capital do

País, segundo explicações de Ibrahim Mussagy.

O nosso interlocutor fez notar que das vezes que se desloca a Maputo para fazer tais compras, confronta-se em primeiro lugar com o problema do meio de transporte rentável para fazê-las chegar ao Niassa. Como só se pode resolver o problema utilizando-se a via aérea quando Ibrahim Mussagy se dirige ao aeroporto e pede praça para a sua mercadoria, a resposta é que a LAM não tem capacidade de transporte.

Este industrial médio acrescentou que, normalmente, as suas compras o seu peso é de dois mil a três mil quilos. Esta situação faz com que ele fique muito tempo em Maputo aguardando que em cada voo sejam embarcados entre 100 a 200 quilos.

Esta mercadoria quanto é que custará quando chegar a Lichinga e quanto dinheiro é dispendido neste tipo de transporte — perguntou, indignado, o nosso entrevistado.

Segundo as suas palavras, as Finanças são um outro problema no fim de cada ano, durante o processo de apresentação de balanços e balançetes. Todos estes imprevistos e dificuldades não são considerados na altura da colecta, estando os empresários sujeitos a pagar somas «astronómicas».

Não há uma estreita coordenação entre as estruturas envolvidas em todo este processo. Quem fica prejudicado com esta situação são os pequenos industriais, que não podem elevar os preços dos seus produtos devido ao fraco poder de compra e como alternativa eu tive que reduzir de 75 para 60 o meu pessoal, pois as minhas receitas baixaram vertiginosamente — disse.

Ibrahim Mussagy está neste momento a explorar uma serração para a transformação de toros em madeira e uma carpintaria e marcenaria vocacionadas para a fabricação de mobílias e caxilharas.

Antes, todas as Infra-estruturas estavam entregues a uma comissão formada por 22 trabalhadores supervisionados pelo Conselho Executivo de Lichinga. Presentemente, dispõe de quatro marceneiros qualificados sendo os restantes trabalhadores pouco experientes, o que se deve em parte à fuga de pessoal à altura para outras províncias.